

Universidade de Brasília

Instituto de Letras

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP

PEDRO HENRIQUE SILVA ARAÚJO

**GLOSSÁRIO ESCOLAR PORTUGUÊS-GUAJAJARA DE
TERMOS DA BIOLOGIA**

Brasília – DF

2020

PEDRO HENRIQUE SILVA ARAÚJO

**GLOSSÁRIO ESCOLAR PORTUGUÊS-GUAJAJARA DE TERMOS DA
BIOLOGIA**

Projeto apresentado ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras – Português do Brasil como Segunda Língua.

Professor Orientador: Dr. Dionei Moreira Gomes

Brasília – DF

2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha ancestralidade. Agradeço aos filhos originários do território brasileiro, em suas diversidades étnicas e linguísticas, que tanto resistem ao apagamento étnico-cultural que lhes é imposto.

Agradeço à minha família, que tanto me apoiou nos estudos: minha mãe, Célia, meu pai, Flávio, meus irmãos, Elder e Élithon, e minha irmã, Isabelly.

Agradeço aos amigos e parceiros de graduação da Universidade de Brasília, que desempenharam um papel muito importante na minha vivência acadêmica.

Agradeço a todo o corpo docente do curso de Português Brasileiro como Segunda Língua. Faço agradecimentos especiais ao professor Rodrigo Albuquerque, quem me iniciou no mundo da pesquisa. Agradeço à professora Cibele Brandão pelos incentivos na trajetória acadêmica. Agradeço à professora Orlene Carvalho, por me inspirar e ensinar a autonomia para pesquisar, além de propiciar a mim lições que transpassam o ambiente acadêmico.

Agradeço imensamente ao meu professor orientador, Dionei Moreira Gomes, pela guiança, pelo zelo, pelo comprometimento, pela compreensão, por me inspirar, por me incentivar e por me ensinar para além do universo acadêmico.

Por fim, gratidão à Fraternidade TXAI, que propiciou que eu olhasse para mim e, assim, me localizasse no mundo e soubesse o caminho que queria percorrer.

RESUMO

Este projeto consiste em um estudo terminológico bilíngue que deve culminar em uma produção terminográfica, especificamente um glossário para ser usado por estudantes indígenas da educação básica, oriundos da aldeia Tekohaw. As línguas pesquisadas são o Português Brasileiro e o Guajajara (grupo Tenetehara, família Tupí-Guaraní), ambas línguas presentes na região do Distrito Federal – DF. A terminologia a ser trabalhada será um recorte daquela presente em materiais didáticos e em aulas de Biologia do segmento ensino médio, em uma escola pública do DF, onde há estudantes guajajara. A presente pesquisa também contribuirá para os avanços epistemológicos e aplicados da Terminologia e Terminografia, além de fazer avançar os estudos sobre Educação bilíngue na escola e sobre o registro, descrição e explicação de uma língua indígena brasileira, o Guajajara. Adotaremos a perspectiva da Teoria Comunicativa da Terminologia, doravante TCT, uma vez que investigaremos os aspectos comunicativos dos termos em detrimento de intenções voltadas à normalização terminológica. Pela proximidade com as teorias cognitivistas, também adotamos os pressupostos da Teoria Sociocognitiva da Terminologia. Outro suporte teórico é a Enoterminologia, que segue os ideais da Etnolinguística e da Ecolinguística e tem como objeto de estudo os *enotermos*. A Enoterminologia é uma proposta teórico-metodológica que defende que as línguas indígenas têm terminologias passíveis de estudo. Acrescentamos ao nosso arcabouço teórico a noção de competência intercultural. Enquadramos nosso estudo em uma perspectiva metodológica qualitativa, a qual nos guiará na investigação das terminologias da Biologia na escola, tanto em língua portuguesa quanto em língua guajajara. Para conhecermos a terminologia Guajajara, partiremos das perspectivas dos colaboradores indígenas guajajara, por meio de oficinas terminológicas. Tal método reúne um grupo de colaboradores indígenas a fim de participar e auxiliar na geração e degravação dos dados, e, além disso, discutir cada termo, bem como sua adequação. Entre os diversos métodos de pesquisa qualitativa, também utilizamos métodos recomendados pela Etnografia. O *corpus* será composto de: 1. termos presentes nos livros didáticos da disciplina escolar escolhida, usados na escola em que estudam os guajajara; 2. termos em língua guajajara correspondentes aos termos em português, os quais serão gerados em oficinas terminológicas com os guajajara e também buscados em publicações acadêmicas sobre a língua.

Palavras-chave: língua guajajara; glossário bilíngue; biologia; terminologia.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	2
2. JUSTIFICATIVA.....	3
3. OBJETIVOS.....	8
4. QUADRO TEÓRICO.....	8
5. METODOLOGIA.....	13
6. RESULTADOS PRELIMINARES.....	17
7. REFERÊNCIAS.....	19

1. INTRODUÇÃO

Há terra habitada por povos indígenas no Distrito Federal: o Santuário dos Pajés e a aldeia guajajara Tekohaw, ambas na região do Noroeste, área central de Brasília. De acordo com Brayner (2013), ocorreram migrações em massa do Nordeste no século XX como consequência de uma grande seca que se alastrava pela região. Desse modo, muitas pessoas migraram para Brasília por volta de 1957 a fim de trabalhar na construção da cidade e, entre elas, encontravam-se indígenas Fulni-ô. É nesse contexto que surge o Santuário dos Pajés.

Entre os trabalhadores vindos para Brasília trabalhar estavam alguns indígenas Fulni-ô, da cidade de Águas Belas, em Pernambuco, que, não podendo praticar suas rezas nas obras, encontraram logo um espaço de cerrado para lá ficarem e rezarem; desde então estabeleceram com o local uma relação sagrada.

(BRAYNER, 2013, p. 62)

Além dos Fulni-ô, posteriormente, outros povos indígenas passaram a habitar no território. De acordo com Brayner (2013), chegam ao Santuário dos Pajés os Tuxá (por volta de 1970), os Kariri-Xocó (1986) e, posteriormente, os Guajajara. Cabe ressaltar que há relatos da presença indígena anterior à construção de Brasília.

Apesar da diversidade de povos, nosso trabalho tem como foco os indígenas guajajara habitantes do Santuário dos Pajés, ou melhor, da aldeia Tekohaw, situada na mesma região. Os estudantes indígenas dessa etnia são nosso público-alvo.

Este projeto consiste em um estudo terminológico bilíngue que deve culminar em uma produção terminográfica, especificamente um glossário para ser usado por estudantes indígenas da educação básica, oriundos da aldeia Tekohaw. As línguas pesquisadas são, portanto, o Português Brasileiro e o Guajajara (grupo Tenetehara, família Tupí-Guaraní), ambas línguas presentes na região do Distrito Federal – DF.

A terminologia a ser trabalhada será um recorte daquela presente em materiais didáticos e em aulas de Biologia do segmento ensino médio, em uma escola pública do DF, onde há estudantes guajajara.

Além do estudo terminológico e produção terminográfica bilíngues, almejamos realizar uma introdução crítica sobre a situação educacional desses indígenas no DF, à luz da abordagem da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e dos pressupostos da educação indígena no Brasil. A respeito da LDB, estaremos atentos especificamente ao artigo 32, § 3º, que assegura aos povos indígenas a utilização de suas línguas maternas e usos de processos próprios de aprendizagem, inclusive em escolas urbanas.

Portanto, o presente projeto é uma pesquisa terminológico-terminográfica bilíngue escolar que, por tratar da realidade multilíngue do DF, dialoga com a área das políticas linguísticas. Colocaremos como objeto de estudo, junto ao Português, o Guajajara, a fim de contribuir também para estudos do multilinguismo do DF e preservação de línguas minorizadas.

2. JUSTIFICATIVA

2.1. JUSTIFICATIVA ACADÊMICA

O estudo da terminologia bilíngue é algo complexo e rico, por ser capaz de evidenciar contrastes linguísticos e socioculturais entre línguas, povos e culturas. Tais contrastes são perceptíveis desde os níveis linguísticos estruturais (fonologia, morfologia e sintaxe) até os níveis linguísticos funcionais (semântica, pragmática e discurso).

Gomes e Ferreira (2012, p. 343) afirmam que “[...] as línguas, consideradas repositórios culturais dos povos que se comunicam por meio delas, apresentam-se estruturalmente de forma diversa e carregam valores extralinguísticos”. Corroborando tal afirmativa, Rebouças (2019) reitera que diferentes cosmovisões intersubjetivas pertencem às diferentes línguas, o que consequentemente impossibilita a máxima de uma relação natural biunívoca entre língua e mundo extralinguístico. Nesse sentido, Álvarez Lugrís (1997) também menciona a crença dos falantes de que suas línguas e correspondentes concepções de mundo representam perfeitamente o mundo extralinguístico. Dito

isso, é importante observar as diferentes cosmovisões e consequentes significações que se apresentam em um estudo terminológico bilíngue.

As diferentes significações para os termos possivelmente equivalentes trazem informações sobre as concepções de mundo de ambas as comunidades cujas línguas estão sob estudo. Ademais, a própria presença e ausência de termos para um dado referente do mundo extralinguístico é uma informação a se somar ao conhecimento das cosmovisões dessas comunidades.

Para exemplificar, valho-me de Gomes e Ferreira (2012), em seu estudo sobre o termo “avaliação escolar” em Português e em Mundurukú, com destaque para as diferentes concepções e discursos em torno desse termo e seu efeito pragmático-discursivo em ambas as línguas e povos.

Gomes e Ferreira (2012) recorreram a dicionários especializados e da língua comum para compreender o termo “avaliação escolar” em suas definições, mas também ressaltam as visões de mundo que este termo atualiza em seus usos. De acordo com os autores, em língua portuguesa, a palavra “avaliação” apresenta, de modo geral, relação com uma ideologia de medida de valor, a qual, no âmbito escolar, pode ser atualizada como uma medida de valor dada ao estudante pelo professor. Ainda de acordo com os autores, uma segunda acepção mais centrada na escola, porém menos presente nos discursos, é o de “avaliação” como um processo e não apenas um ato. Dessa forma, o termo “avaliação” apresenta “caráter classificatório, formativo, reflexivo, processual, quantitativo e qualitativo” (GOMES; FERREIRA, 2012, p. 68).

Por outro lado, o termo correspondente em mundurúku – “ibuyxijoap” – é mais próximo da segunda acepção apresentada, que por sua vez é a almejada por vários especialistas em Educação. Segundo os autores, no termo “ibuyxijoap” em Mundurukú,

[...] é possível verificar que, neste caso, o/a desafiante é o/a aluno/a; a prova é o desafiado; a interpretação pressuposta do/a aluno/a é de [+agente, +controle, +instigador/a, +desencadeador/a do processo] e não o contrário como ocorre com a nossa avaliação tradicional.

(GOMES; FERREIRA, 2012, p. 73)

Perceber as nuances de significação, categorizações e as diferentes cosmovisões entre as línguas pode contribuir epistemologicamente para a

Antropologia, Linguística, Psicologia, Educação e demais áreas afins. Todavia, não é uma ação que se esgota apenas no “conhecimento pelo conhecimento”, mas possibilita maior coerência e, portanto, qualidade na produção de materiais terminográficos, úteis em diversas áreas, principalmente na área educacional.

A complexidade do estudo terminológico bilíngue deve-se às correlações e interfaces da Terminologia com diversas outras áreas. Segundo Krieger e Finatto (2004, p.40), “a Terminologia é um campo de estudos de caráter inter e transdisciplinar, o que a leva a convocar um conjunto de saberes para a apreensão do fenômeno terminológico”.

Ademais, quanto à interface da Terminologia com a Semântica, as autoras afirmam que “esse tipo de percepção sobre a constituição dos sentidos e valores de significação presentes nas linguagens especializadas já tem rendido frutos importantes para a pesquisa em Terminologia” (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 42).

Logo, a presente pesquisa também contribuirá para os avanços epistemológicos e aplicados da Terminologia e Terminografia, além de fazer avançar os estudos sobre Educação bilíngue na escola e sobre o registro, descrição e explicação de uma língua indígena brasileira, o Guajajara.

2.2. JUSTIFICATIVA SOCIAL

Há uma urgência de estudos terminológicos e produções terminográficas de línguas minorizadas. Tal urgência se justifica pelo potencial desses estudos para a manutenção de línguas em situação vulnerável. Nesse sentido, Krieger e Finatto (2004), além de mencionarem orientações e ações terminológicas voltadas para a tradução e para a planificação linguística, consideram que:

Embora a expansão de determinadas línguas tenha se feito de modo a evitar traduções e cunhar palavras próprias do idioma, o desenvolvimento de tradução inscreve-se entre as mais importantes **ações planificadoras**. [...] O desenvolvimento da lexicografia e da terminografia multilíngues não deixa de corresponder a uma estratégia para promover as condições de desenvolvimento equalitário entre as línguas que coexistem e, muitas vezes, rivalizam.

(KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 29, grifos nossos)

Dessa forma, tanto a Terminografia como a Lexicografia podem contribuir para estabelecer uma produção organizada e sistemática de línguas vulnerabilizadas, possibilitando e facilitando futuras ações planificadoras. Nesse contexto, podemos conceber a prática terminográfica como um esforço em direção às políticas linguísticas de proteção e fortalecimento de tais línguas.

Quanto ao conceito de planificação linguística, Faulstich (1998, p. 248) o define da seguinte maneira:

O conceito de planificação linguística se apoia em um projeto linguístico coletivo. Por visar a harmonização linguística, a planificação deverá resultar de um consenso social para que seja bem-sucedida. Normalmente, a planificação decorre de um esforço conjunto para o estabelecimento de uma política linguística nacional. Nesse sentido, nós podemos dizer que a planificação é regulamentada pelas disposições jurídicas que, em matéria de língua, acabam por se constituir em um conjunto de regras legisladas.

Apesar de a harmonização linguística advir de um projeto coletivo com participação de instâncias políticas a partir de um consenso social, é inegável o papel da universidade no âmbito da pesquisa e extensão para o processo de planificação de línguas minorizadas. Por meio da pesquisa-ação, é possível exercer trabalhos de preservação e fortalecimento dessas línguas, desde glossários a livros didáticos.

Uma política de planificação só é possível de ser estabelecida plenamente quando há material suficiente para realizar as ações necessárias dentro da sociedade. Por exemplo, as instituições apenas seriam capazes de oferecer documentos (formulários, declarações, etc.) em Guajajara se houvesse possibilidade de traduzir tais documentos. Para traduzir documentos, em escala regional, há necessidade de uma diversidade de obras lexicográficas e terminográficas em língua minorizada. Assim, tais obras poderiam auxiliar e acelerar uma possível política de planificação ao auxiliar os profissionais designados para tal ação.

Esses esforços da pesquisa-ação com línguas minorizadas devem ser realizados em parceria com os falantes dessas comunidades linguísticas. A produção de materiais que auxiliem em futuras ações planificadoras não é o suficiente, pois há necessidade de medidas normalizadoras para a criação de

novos termos e palavras. Tais medidas podem ocorrer, mas devem ser realizadas pela comunidade cuja língua é minorizada.

Todavia, o intuito deste projeto é produzir um material que não espere uma futura política de planificação linguística para exercer sua função social e nem visa realizar ações normalizadoras em Guajajara. O material que almejamos produzir pode ser relevante para a preservação da língua do povo Guajajara, principalmente a variedade falada no Distrito Federal – DF.

Destaca-se que o DF é uma região multilíngue, fato que parece ser desconhecido para a maioria das pessoas que nele habitam. Há uma carência de estudos sobre o multilinguismo do Distrito Federal. De modo geral, não se costuma pensar o DF como uma região multilíngue.

Ao investigar entre conhecidos, ninguém que não tivesse aulas com uma professora específica da Universidade de Brasília sabia da existência de povos indígenas no ensino básico da região. O multilinguismo do Distrito Federal fora negligenciado academicamente até recentemente. Por isso, é emergencial a realização de estudos das línguas presentes no território do DF, contextualizando-as, descrevendo-as e propondo materiais de preservação e ensino.

Logo, este estudo de cunho terminológico e terminográfico revela um traço do multilinguismo do Distrito Federal e traz um recorte da situação linguística em que se encontra a comunidade Guajajara na região. Ao descrever o Distrito Federal como uma região multilíngue, este estudo acabará por também contribuir para romper com a falácia do monolingüismo brasileiro.

Ademais, interessa-nos, como acadêmicos, perceber como ocorre a interculturalidade entre essas comunidades minorizadas cujas línguas étnicas não são contempladas nos espaços institucionais, como a escola. Perceber essa relação intercultural, focalizando a língua, pode revelar um recorte de comportamentos linguísticos presentes no Distrito Federal, permitindo averiguar a ocorrência ou não de um processo silencioso de glotocídio ocasionado por falta de políticas linguísticas.

Contudo, por ser um trabalho complexo, devemos realizar esses estudos aos poucos e com o envolvimento de outros acadêmicos com o tema, dando um passo de cada vez. Desse modo, acredito darmos um passo nessa direção ao fazer um estudo terminológico-terminográfico com os estudantes guajajara de

uma escola pública do DF e, junto com eles, produzir um glossário da área da Biologia, o qual pretende ser um material de apoio para o aprendizado desse conteúdo e, principalmente, ser a concretização do reconhecimento do valor linguístico, social e cultural da língua materna desses estudantes, que é o Guajajara.

3. OBJETIVOS

3.1. GERAL

Construir um glossário escolar de termos da Biologia em Português e em Guajajara, contribuindo para a educação formal de estudantes guajajara em uma escola pública do DF.

3.2. ESPECÍFICOS

1. Produzir um glossário escolar bilíngue Português-Gujajara de termos da Biologia;
2. Contribuir para a educação escolar de estudantes guajajara em uma escola pública do DF;
3. Descrever, introdutoriamente, a situação dos estudantes guajajara matriculados em uma escola pública de ensino básico do DF;
4. Contribuir para a proteção e fortalecimento da língua étnica dos indígenas guajajara, que habitam a região do Distrito Federal;
5. Investigar e identificar traços de multilinguismo no DF.

4. QUADRO TEÓRICO

As línguas, conforme apontado anteriormente, são repositórios culturais e carregam valores extralinguísticos (GOMES; FERREIRA, 2012). Representam diferentes cosmovisões (inter)subjetivas e, assim, não apresentam relação natural biunívoca em relação ao mundo extralinguístico (REBOUÇAS, 2019). Logo, ao realizar um estudo linguístico, especialmente um estudo terminológico bilíngue, é necessário ficarmos atentos às diferentes cosmovisões e significações que se apresentam em ambas as línguas em perspectiva.

A terminologia, enquanto fenômeno presente na língua, não surgiu há pouco tempo ou é algo presente apenas em ambientes que se enquadrem nas concepções de “técnico-científico” que permeiam o senso comum. Rondeau (1984, p.1, *apud* FINATTO; KRIEGER, 2004, p. 24) afirma que “A terminologia não é um fenômeno recente. Tão longe quanto se remonte na história do homem, desde que se manifesta a linguagem, nos encontramos na presença de línguas de especialidade [...]”.

Finatto e Krieger (2004) reiteram tal caráter das terminologias ao afirmarem que o que existem são aquelas que são mais recentes ou mais antigas. Ao adotar tal perspectiva epistemológica sobre os termos, entendemos que, entre línguas diferentes, encontram-se também culturas diferentes, bem como diferentes simbolizações e significações, conforme fora mencionado anteriormente. Assim, podemos dizer que, inegavelmente, o Guajajara e demais línguas indígenas apresentam suas terminologias e áreas de especialidade próprias e que não são necessariamente um reflexo das nossas terminologias e áreas de especialidade. O desafio inicial é encontrar a intersecção entre uma determinada área de especialidade lexicalizada na língua guajajara e uma área de especialidade lexicalizada na língua portuguesa. Nessa perspectiva, quanto aos termos, reconhecemos que “[...] por fazerem parte da língua natural é necessário considerar o meio linguístico e social do seu uso” (FERREIRA, 2013, p.41).

Adotaremos, assim, a perspectiva da Teoria Comunicativa da Terminologia, doravante TCT, uma vez que investigaremos os aspectos comunicativos dos termos em detrimento de intenções voltadas à normalização terminológica. O contexto, também investigado pela TCT, é o que possibilita reconhecer um dado item linguístico como termo ou item lexical comum. Ainda nessa perspectiva, reconhecemos o termo em seu caráter multifacetado, um poliedro, em que um dos lados é conceitual, outro é linguístico (aspectos formais do termo) e o terceiro é situacional (CABRÉ, 2003 *apud* KRIEGER; FINATTO, 2004). Sobre a TCT, Cabré (1999, p. 126 *apud* KRIEGER; FINATTO, 2004, p.36) afirma:

Tanto o conhecimento especializado quanto os textos especializados, como as unidades terminológicas podem ocorrer em diferentes níveis de especialização e serem descritas em

diferentes níveis de representação. Só assim, a terminologia do desejo passa a ser a terminologia da realidade.

Pela proximidade com as teorias cognitivistas, também adotamos os pressupostos da Teoria Sociocognitiva da Terminologia. Logo, visamos observar os processos de categorização e lexicalização das línguas em estudo, pois “desse modo, os termos são vistos como unidades de compreensão e de representação e funcionam em modelos cognitivos e culturais” (FERREIRA, 2013, p.43). Nesta perspectiva, por exemplo, o papel das metáforas na criação de termos é ressaltado, podendo expandir o escopo dos termos passíveis de análise para este projeto. Essa linha teórica também tem sua relevância no presente projeto por evocar outros pressupostos da linguística cognitiva de maneira geral.

Logo, pautamo-nos pelo caráter interacional da construção dos significados dos termos. Assim, em consonância com a TCT no que diz respeito ao contexto, acreditamos que “[...] a significação é negociada pelos interlocutores em situações contextuais específicas” (MARTELOTTA; PALOMANES, 2008, p.181).

Adotamos ainda pressupostos da Etnolinguística, que “[...] é o estudo de como as visões de mundo constroem um complexo e flexível arcabouço com o qual nós pensamos e sentimos” (UNDERHILL, 2012, p.17). Tal perspectiva é coerente com o trabalho terminológico que se pretende desenvolver nesta pesquisa. Além disso, em consonância com as teorias cognitivistas, ao dirigirmos o olhar para uma perspectiva etnossemântica, seguimos Palmer (1996 *apud* UNDERHILL, 2012, p. 17), que afirma que a etnossemântica “é o estudo do modo como as diferentes culturas organizam e categorizam domínios do saber, tais como o das plantas, animais e parentesco”.

Retomando o olhar sobre a Etnolinguística, Costa (2013, p. 38) afirma:

[...] em algum nível nós pensamos e sentimos diferente em cada cultura e expressamos esse pensar e esse sentir diferente de formas diferentes, inclusive linguisticamente. O mesmo acontece em relação à forma como compreendemos o mundo [...]

Todas essas teorias apresentadas são importantes para entendermos o caráter cultural dos processos de significação e, conseqüentemente, do processo de criação das terminologias em ambas as línguas a serem pesquisadas. Assim, pressupõe-se uma distância entre o Português Brasileiro e o mundo expresso por este e o Guajajara e o mundo expresso por meio dele. Culminamos, então, na Etnoterminologia proposta por Gomes e Costa (2011), Ferreira (2013) e Costa (2013, 2017).

A Etnoterminologia, de acordo com Costa (2017), segue os ideais da Etnolinguística e da Ecolinguística e tem como objeto de estudo os *etnotermos*. Ainda de acordo Costa (2013, p. 63), faz-se necessário entendermos o conhecimento, ou o saber, além do “conhecimento lógico-matemático, formal e formalizável”. Em outras palavras, ir além do conhecimento ocidental e formalizado pelas instituições. Assim, a Etnoterminologia é uma proposta teórico-metodológica que defende que as línguas indígenas têm terminologias passíveis de estudo.

Logo, utilizamos o termo "Etnoterminologia" para definir uma Terminologia voltada para os conhecimentos técnicos e científicos de uma determinada comunidade indígena, quilombola, ribeirinha, ou autóctone, de forma geral, que possua conhecimentos e práticas técnicas e científicas próprias e associadas à sua subsistência, de ordem sanitária, alimentar e/ou cultural.

(COSTA, 2013, p. 64)

Valemo-nos também da Socioterminologia, pois esta abordagem considera a variação dos termos e propõe um método de tratamento da variação terminológica. Para Costa (2013, p. 21), a Socioterminologia,

[...] além de considerar o contexto de ocorrência, considera também a variação, o que é fundamental por encontrarmos, também na Etnoterminologia, variação terminológica, isto é, um mesmo etnotermo pode ser empregado como ‘X’ ou ‘Y’ sem constituir um outro termo.

Desse modo, os termos fazem parte da língua natural, ainda que inseridos em contextos de especialidade, e por isso são passíveis de variação terminológica. Sobre isso, Ferreira (2013, p. 40) afirma:

[...] o termo faz parte de situações comunicativas distintas, funcionando na diversidade das línguas. Com essa visão, é possível estudar os termos como entidades passíveis de variação e por fazerem parte da língua natural é necessário considerar o meio linguístico e social do seu uso.

Por fim, acrescentamos ao nosso arcabouço teórico a noção de competência intercultural. Fantini e Tirmizi (2006, p. 12, tradução nossa, grifos dos autores) assim a definem: “[...] um complexo de habilidades necessárias para serem usadas de maneira *efetiva e apropriada* ao interagir com outras pessoas que são diferentes linguística e culturalmente”¹. Segundo os autores, a competência comunicativa intercultural é necessária para transcender uma visão de mundo em direção a outro sistema cultural, e isso só é possível por meio da reconfiguração da visão de mundo original de alguém. Para Fantini e Tirmizi (2006), tal competência não se restringe às habilidades necessárias para transitar entre sistemas culturais, mas, principalmente, permite a produção de pontos de vistas únicos, perspectivas interculturais não alcançadas por visões monoculturais ou biculturais.

Este projeto enquadra-se em contexto intercultural ao considerar que existe um campo de intersecção entre a *língua-cultura* guajajara e a *língua-cultura* brasileira ambas presentes na escola. Especificamente, investigaremos a *língua-cultura* bilíngue que permeia a linguagem de especialidade presente na Biologia escolar. Assim, acreditamos no desenvolvimento de uma competência intercultural dos estudantes guajajara inseridos no ambiente escolar, bem como o desencadeamento dessa competência em professores e demais estudantes que compartilham o ambiente escolar com os indígenas, pois “[...] todas as

¹ “[...] a complex of abilities needed to perform *effectively* and *appropriately* when interacting with others who are linguistically and culturally different from oneself,” (FANTINI; TIRMIZI, 2006, p.12)

partes em contato intercultural são afetadas” (FANTINI; TIRMIZI, 2006, p.7, tradução nossa)².

As teorias abordadas nesta seção compõem o nosso quadro epistemológico inicial e representam como compreendemos os termos, a fim de direcionar qualquer compreensão que tenhamos quanto aos dados que serão gerados, guiando as nossas análises. A seguir, trataremos do percurso metodológico.

5. METODOLOGIA

Costa (2013) defende que a pesquisa em Etnoterminologia deve ser qualitativa e não quantitativa. De acordo com Rodrigues (2017, p. 98), “[...] a pesquisa qualitativa se preocupa com o processo social e com o contexto em que os processos ocorrem”, o que é coerente com nossa proposta de glossário para fins escolares. Em relação às vantagens da pesquisa qualitativa, concordamos com Costa (2013, p. 76):

Optamos pela perspectiva da Pesquisa Qualitativa primeiramente porque ela nos possibilita focar na reflexão sobre os dados coletados. Além disso, a pesquisa qualitativa sustenta o uso interrelacionado de uma série de princípios de delineamento, meios para geração de dados (métodos de coleta), métodos de análise, tais como a etnografia e a observação participante; a entrevista aberta e os registros áudio-visuais; e a análise do discurso, a análise semiótica, a codificação, etc.

Nossa pesquisa, que em matéria de língua tem por objeto terminologias do Português e do Guajajara, não se dissocia dos espectros sociais e culturais, visto que a língua e, conseqüentemente, suas terminologias são indissociáveis do social e do cultural.

Ao abordar o caráter amplo da pesquisa qualitativa, Godoy (1995) afirma que é no decorrer do processo de construção do trabalho científico qualitativo que os focos de interesse se consolidam. Dito isso, a área terminológica específica da Biologia que focaremos será confirmada no decorrer dos trabalhos

² [...] all parties in intercultural contact are affected (FANTINI; TIRMIZI, 2006, p.7).

de campo, a partir das entrevistas com os próprios estudantes indígenas e análise dos livros didáticos usados por eles.

Os dados descritivos de um estudo qualitativo “são arrolados por um/a pesquisador/a que interage diretamente no contexto de estudo e se preocupa em compreender os fenômenos a partir das perspectivas de seus/suas colaboradores/as” (RIBEIRO, 2017, p. 71). Assim, enquadraremos nosso estudo em uma perspectiva metodológica qualitativa, a qual nos guiará na investigação das terminologias da Biologia na escola, tanto em língua portuguesa quanto em língua guajajara.

Para conhecermos a terminologia Guajajara, partiremos das perspectivas dos colaboradores indígenas guajajara, por meio de oficinas terminológicas. Tais oficinas serão explicadas adiante.

Entre as possibilidades que a pesquisa qualitativa oferece, está a prática da pesquisa-ação. De acordo com Bocchi *et alii* (2008, p. 4), a pesquisa-ação é “uma modalidade de pesquisa que coloca a ciência a serviço da emancipação social”, além de somar teoria e prática.

A pesquisa-ação, em termos gerais, é um procedimento metodológico que busca unir teoria, prática, contribuição social, mudança de paradigmas e contextos, via ações da pesquisa, e participação integral tanto do/a pesquisador/a quanto dos/as colaboradores/as durante todo o trabalho.

(RIBEIRO, 2017, p. 84)

Este projeto visa realizar um estudo terminológico e aplicá-lo por meio da Terminografia, em prol da comunidade Guajajara do Distrito Federal. Realizaremos oficinas terminológicas com foco nos termos da Biologia, presentes nos livros didáticos usados pelos estudantes indígenas. Prevemos, assim, que os Guajajara participarão ativamente da pesquisa. Além disso, as oficinas terminológicas para identificação dos termos guajajara visam auxiliar os estudantes na compreensão dos conteúdos estudados, tentando, então, atender concretamente os interesses da comunidade Guajajara que habita o DF.

Ademais, um glossário terminológico bilingue Português/Guajajara tem potencial para ser utilizado em sala de aula a fim de facilitar a compreensão dos estudantes indígenas. Tal glossário também tem potencial função de vir a ser um

documento de consulta para elaboração de materiais didáticos específicos para o povo Guajajara, tanto materiais para ensino da disciplina escolar correspondente à terminologia registrada quanto materiais de aprendizagem de língua.

Entre os diversos métodos de pesquisa qualitativa, também utilizamos métodos recomendados pela Etnografia, haja vista o nosso interesse pela “descrição de culturas ou de grupos de pessoas que são percebidas como portadoras de um certo grau de unidade cultural” (CANÇADO, 1994, p. 55). No caso desta pesquisa, a unidade cultural do grupo são as terminologias presentes na língua guajajara.

O *corpus* será composto de: 1. termos presentes nos livros didáticos da disciplina escolar escolhida, usados na escola em que estudam os guajajara; 2. termos em língua guajajara correspondentes aos termos em português, os quais serão gerados em oficinas terminológicas com os guajajara e também buscados em publicações acadêmicas sobre a língua. Em um primeiro momento, contaremos apenas com os estudantes na própria escola, devido ao tempo de execução da pesquisa, mas, em uma fase futura da pesquisa, esperamos contar também com a colaboração dos demais falantes de Guajajara que também moram na aldeia do Noroeste, aqui no Distrito Federal.

Segundo Costa (2013), as oficinas terminológicas, doravante OT, são um método desenvolvido no grupo de pesquisa em terminologia Mundurukú do professor Dionei Moreira Gomes, da Universidade de Brasília. Tal método reúne um grupo de colaboradores indígenas a fim de participar e auxiliar na geração e gravação dos dados, e, além disso, discutir cada termo, bem como sua adequação. Assim, segundo Costa (2013), há complementação de informações e discussão do formato adequado para um material para a comunidade em foco.

Durante essas oficinas [surgem] várias informações linguísticas e culturais que possibilitam uma melhor compreensão do funcionamento dos termos na comunidade, quer sejam inseridos no discurso de especialidade – etnotermos – quer seja seu funcionamento no léxico geral da língua.

(COSTA, 2013, p. 98)

As OTs deste projeto seguirão o seguinte protocolo, inspirado no trabalho de Ferreira (2013): a) apresentação e discussão do projeto de glossário

terminológico bilingue; b) discussão sobre o tema Terminologia e preservação da língua guajajara; c) e, por fim, debate e compreensão dos termos em Português e geração dos termos em Guajajara.

Retomando as questões terminográficas, vejamos os procedimentos e organização da pesquisa. O procedimento inicial é a preparação para o campo e corresponde à **Etapa 1** do nosso trabalho. A preparação consistirá no contato com os colaboradores para apresentação da pesquisa, entrevista com professores e estudantes indígenas. Faremos o agendamento das Oficinas Terminológicas (OTs). Ainda nessa Etapa 1, cumprimos a parte ética da pesquisa, aplicando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o Termo de Assentimento (para menores de idade), entre outros.

Também na Etapa 1, faremos o levantamento e a seleção de termos da Biologia. Esse levantamento e seleção serão realizados a partir dos livros didáticos utilizados pelos estudantes colaboradores. As OTs desta pesquisa serão um pouco diferentes das realizadas por Ferreira (2013) e Costa (2013, 2017), pois o conteúdo das oficinas será direcionado pelos dados oriundos dos livros didáticos.

A **Etapa 2** consistirá na geração de dados em Guajajara por meio das OTs, momento em que faremos a gravação e a degravação dos termos da língua. Prevemos dez encontros com duração de cerca de 45 minutos cada. É possível que essas oficinas ocorram durante uma disciplina escolar, componente da SEEDF. Durante as oficinas, apresentaremos os termos em Português para que os presentes na oficina discutam entre si quais são ou seriam os melhores equivalentes em Guajajara.

Certamente, também esperamos fazer da oficina um espaço de aprendizado da disciplina escolar escolhida, uma vez que a compreensão dos termos demanda, necessariamente, a compreensão dos conceitos que eles representam. Dessa forma, a pesquisa-ação se tornará ainda mais efetiva, pois os estudantes guajajara terão a oportunidade de apreender melhor os conceitos da disciplina escolar, seja pela compreensão do termo em Português, seja pela identificação do seu equivalente em Guajajara.

Antes das oficinas terminológicas, faremos um levantamento preliminar de termos em Guajajara presentes em publicações acadêmicas, como teses, dissertações, artigos científicos, livros, *sites* especializados em Linguística, etc.

Esse levantamento visa identificar possíveis termos equivalentes em Guajajara para os termos em português levantados por nós. Esses termos serão registrados e vão compor também nosso glossário de forma complementar aos termos identificados pelos estudantes guajajara de nossa pesquisa. Teremos o cuidado de registrar, em primeiro plano, os termos propostos por esses estudantes, deixando claro que os outros termos são variantes desses.

O glossário terminológico bilíngue será o produto concreto dessas oficinas, o qual servirá de base para melhor compreensão da disciplina escolar. Assim, além desse produto direto, esperamos contribuir para o ensino-aprendizagem em Biologia também durante as oficinas, ao menos indiretamente.

A **Etapa 3** consistirá na redação dos verbetes e organização da microestrutura e também da macroestrutura. Este momento requer alinhamento às teorias componentes do nosso arcabouço teórico, pois a prática terminográfica precisa ser coerente com a perspectiva terminológica adotada. Essa etapa é também momento de análise terminológica, momento em que destacaremos a contribuição da pesquisa para a Terminologia.

6. RESULTADOS PRELIMINARES

Constituímos um arcabouço teórico e metodológico sobre Terminologia que fosse capaz de direcionar o projeto do glossário de biologia escolar Português - Guajajara. Desse modo, começamos a elaborar e, posteriormente, finalizaremos o glossário, imbuídos dos pressupostos teóricos e metodológicos já apontados. Em seguida, deliberamos que o trabalho de campo seria no GISNO – uma escola pública de Educação Básica da região central de Brasília –, com estudantes Guajajara do ensino médio, pois estes também correspondem ao público-alvo do material. Contudo, devido à pandemia da Covid-19, não foi possível entrarmos em sala de aula para levantarmos os termos de biologia escolar em Português Brasileiro e em Guajajara. Desse modo, restringimos este primeiro momento ao material didático utilizado em sala de aula, mais especificamente ao livro didático. Com a colaboração de um professor da escola, conseguimos os livros de biologia que são utilizados na instituição.

Ao ter em mãos os livros de biologia utilizados pelos estudantes do primeiro, segundo e terceiro anos do ensino médio, delimitamos nosso tema e

área de especialidade. Assim, restringimos o levantamento de termos da Biologia para o capítulo 1, cujo tema e título é “Classificação dos seres vivos”, e capítulo 2, “Vírus e procariontes”, ambos do livro do segundo ano do ensino médio.

A princípio, privilegiamos termos mais gerais encontrados nesses capítulos, como “ser vivo”, “corpo”, “ambiente” e “ancestral”. Em seguida, priorizamos termos correspondentes a animais e vegetais, como “lobo”, “cavalo”, “folha”, “semente” e “ipê”. Evitamos, então, termos altamente especializados, como “filo”, “cladogênese” e “anagênese”. Junto aos termos, registramos também o contexto de uso, as sentenças em que esses termos são realizados, para compor, posteriormente, parte da microestrutura do glossário

Após esta etapa, classificamos os termos em uma das seis categorias, estabelecidas por nós de acordo com a proximidade semântica dos termos. As seis categorias são: classificação, reprodução, doenças, animais, plantas e corpo. Essas categorias são as marcas de uso (rubricas) que acompanharão cada termo, com o objetivo de dirigir a atenção do estudante para um campo semântico específico, com vistas a promover uma melhor compreensão do termo.

Dando seguimento, definimos a microestrutura provisória, a qual ainda passará por revisão após os trabalhos de campo e ponderações terminográficas. O glossário possuirá entradas em Português e em Guajajara. Segue a microestrutura definida para o projeto:

entrada em Português (classe e gênero) + equivalente em Guajajara + marca de uso + definição oracional em Português + exemplo em Português ± remissão.

entrada em Guajajara + equivalente em Português (classe e gênero) + marca de uso + definição oracional em Português + exemplo em Português ± remissão.

Após essa etapa, iniciamos a procura por equivalentes em Guajajara dos termos selecionados para compor o glossário até então. Os termos em Guajajara foram pesquisados nos seguintes trabalhos acadêmicos: Língua Guajajara: um estudo sobre a interferência e empréstimos da língua Portuguesa (BARBOZA,

2013); *Morfossintaxe Tenetehára (Tupí-Guarani)* (CASTRO, 2017); *Interface morfolologia e sintaxe em Tenetehára* (Castro, 2007); *Hierarchical structures in Guajajara* (BENDOR-SAMUEL, 1972); e *Aplicativização, causativação e nominalização: uma análise unificada de estruturas argumentais em Tenetehára-Guajajara (Família Tupí-Guaráni)* (CAMARGOS, 2017).

Poucos foram os termos em Guajajara que encontramos a fim de estabelecermos a equivalência. Desse modo, em casos como da palavra chipanzé, optamos, provisoriamente, pelo termo equivalente em Guajajara que corresponda ao hiperônimo macaco. Posteriormente, em trabalhos de campo com os colaboradores Guajajara, tentaremos levantar outro equivalente para chipanzé e testar o termo hiperônimo equivalente a 'macaco'. Cabe ressaltar que mesmo os termos que, em trabalhos acadêmicos, apresentam uma acurácia alta em relação à equivalência entre uma língua e outra serão posteriormente checados nas oficinas terminológicas com os estudantes guajajara. E serão esses termos fornecidos pelos estudantes que vão compor prioritariamente o glossário.

Por fim, não foi possível entrar em contato com os estudantes Guajajara pessoalmente a fim de realizarmos as oficinas terminológicas para a finalização do glossário. Devido à pandemia, esperamos ter acesso seguro a esses estudantes, para então checar os termos em Guajajara já levantados e gerar os demais termos, bem como produzirmos as definições mais adequadas para inserir na obra terminográfica e então finalizarmos o glossário.

7. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G. M. B. A Teoria Comunicativa da Terminologia e a sua prática. *In: Alfa*, São Paulo, 50 (2), p. 85-101, 2006.

ÁLVAREZ LUGRÍS, A. *Os falsos amigos da traducción: criterios de estudio e clasificación*. Vigo: Servicio de Publicacións da Universidad de Vigo, 1997.

BARBOZA, T. M. Língua Guajajara: um estudo sobre a interferência e empréstimos da língua Portuguesa. *In: Anais do SILEL*. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

BENDOR-SAMUEL, D. *Hierarchical structures in Guajajara*. Norman: Summer Institute of Linguistic of the University of Oklahoma, 1972.

BOCCHI, S.C.M.; JULIANI, C.M.C.M.; SPIRI, W.C. *Métodos qualitativos de pesquisa: uma tentativa de desmistificar a sua compreensão*. Departamento de Enfermagem – Faculdade de Medicina, UNESP. Botucatu, 2008.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases para a educação nacional.

BRAYNER, T. N. *É terra indígena porque é sagrada: Santuário dos Pajés – Brasília/DF*. 2013. 150 f., il. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

CABRÉ, M. T. Elementos para uma teoría de la terminología: hacia un paradigma alternativo. *Lenguara*, Buenos Aires, v. 1, n. 1, p. 59-78. 1998.

CABRÉ, M. T. *La terminología: representación y comunicación*. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada. Universitat Pompeu Fabra, 1999.

CABRÉ, M. T. Theories of Terminology: their description, prescription and explanation. *Terminology*, p. 163-200, v. 9, n. 2, 2003.

CABRÉ, M. T. La Terminología, una disciplina en evolución: pasado, presente y algunos elementos de futuro. *Debate Terminológico*, 2005. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/riterm/article/view/21286/12263>> Acesso em: 12 jan. 2013.

CAMARGOS, Q. F. *Aplicativização, causativização e nominalização: uma análise unificada de estruturas argumentais em Tenetehára-Guajajara (Família Tupí-Guaraní)*. 2017. 255 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

CANÇADO, M. Um estudo sobre a pesquisa etnográfica em sala de aula. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 23, p. 55-69, Jan./Jun.1994.

CASTRO, R. C. *Interface morfologia e sintaxe em Tenetehára*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 81 f., 2007.

CASTRO, R. C. *Morfossintaxe Tenetehára (Tupí-Guaraní)*. Tese de Doutorado em Linguística. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 205 f., 2017.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et ali (orgs.). *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 295–316.

COSTA, N. M. P. *Estudo etnoterminológico preliminar do sistema de cura e cuidados do povo Mundurukú (Tupí)*. Orientador: Dionei Moreira Gomes. 2013. 150 f. Dissertação (Mestrado em Linguística)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

COSTA, N. M. P. *Etnoterminologia na língua Munduruku (Tupí): sistema de cura e cuidado na voz de pajés parteiras e puxadores de desmentiduras*. Orientador: Dionei Moreira Gomes. 2017. 189 f. Tese (Doutorado em Linguística)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

COSTA, N. M. P.; GOMES, Dionei M. (Etno)terminologia na (etno)medicina Mundurukú. *Anais do VII Congresso Internacional da Abralin*, p. 3412-3423. 2011.

FANTINI, A.; TIRMIZI, A. *Exploring and assessing intercultural competence*. 2006. *World Learnign Publications*. Disponível em: https://digitalcollections.sit.edu/worldlearning_publications/1. Acesso em 15/09/2020.

FAULSTICH, E. Planificação linguística e problemas de normalização. *Alfa*, São Paulo, N. 42, pp.247-268, 1998.

FERREIRA, T. B. *Terminologia em língua indígena: a construção do dicionário escolar Português-Mundurukú na área do Magistério*. Orientador: Dionei Moreira Gomes. 2013. xvi, 141 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

FLICK, U. *Qualidade na pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GODOY, A. S. *Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades*, 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>. Acesso em: 21/08/2020.

GOMES, D. M.; FERREIRA, T. B. “Avaliação escolar”: termo, conceito e visão de mundo em português e em Mundurukú (Tupí). *In: Cadernos de Linguagem e Sociedade*, Brasília, vol. 13, no 1, p. 56-81, 2012.

KRIEGER, M. G. & FINATTO, M. J. B. *Introdução à Terminologia – teoria & prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

MARTELOTTA, M. E.; PALOMANES, R. Linguística cognitiva. *In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.

REBOUÇAS, E. M. *Léxico, texto e ensino de língua estrangeira: os heterossemânticos parciais na interface espanhol-português*. 2019. 112 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística)—Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

RIBEIRO, R. R. *O português kalunga do Vão de Almas-GO: a transitividade em discursos sobre o parto revelando letramentos*. Orientador: Dionei Moreira Gomes. 2017. 227 f., il. Tese (Doutorado em Linguística)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

RODRIGUES, T. A. *Análise da transitividade em narrativas de habeas corpus sob o olhar da linguística cognitivo-funcional: estratégias para não devolver a liberdade a pessoas em situação de rua*. Orientador: Dionei Moreira Gomes. 2017. 266 f., il. Tese (Doutorado em Linguística)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

RONDEAU, G. *Introduction à la terminologie*. Québec: Gaëtan Morin, 1984.

UNDERHILL, J. W. *Ethnolinguistics and cultural concepts: Truth, love, hate and war*. Cambridge University Press, 2012.